

O JOVEM LEITOR E SUA RELAÇÃO COM AS AULAS DE LITERATURA: UMA PROPOSTA DE RECONQUISTA ATRAVÉS DE OBRAS CLÁSSICAS E SUAS RELEITURAS

Noêmia Coutinho Pereira Lopes (FADISA/Colégio São Mateus)¹
Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES/USP)²

Resumo: Este trabalho analisa, comparativamente, as obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (Editora Moderna, 2015) e *Dona Casmurra e seu tigrão*, de Ivan Jaf (Editora Ática, 2005). O diálogo entre as obras possibilita entrever, na elaboração dos pares Bentinho e Capitu (em Machado) e Barrão e Lu (em Jaf), de que forma a primeira narrativa foi reconstruída na obra contemporânea, bem como oferece ao leitor um novo olhar para os sentidos do texto clássico. Para isso, foram utilizados os postulados de Bruno Carneiro Lira, Mirna Pinsky – além de teorias comparatistas.

Palavras-chave: Machado de Assis; *Dom Casmurro*; Ivan Jaf; Literatura Juvenil; Literatura Comparada.

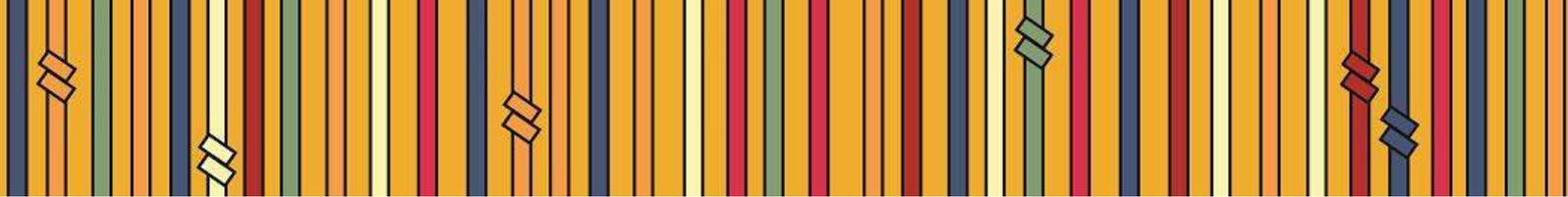
Introdução

Como professores de literatura, partilhamos, com tantos outros, uma lúcida preocupação a respeito dos rumos dessa disciplina em currículos escolares (na educação básica e na graduação em Letras) e os desdobramentos que aulas bem – ou não – ministradas podem acarretar na formação desse aluno de hoje, enquanto cidadão. Como aclarou Mirna Pinsky, “[o] que veio primeiro foi o encantamento pelas palavras de outros” (PINSKY, 2010, p. 83).

É de conhecimento de todos que a sociedade está bem diferente hoje se comparada há 10 anos; imaginem essa mesma comparação, se observarmos quando nós, aqui presentes, estávamos nas séries finais do Ensino Fundamental. Falar de mudança do cenário nesse tempo é, certamente, algo do campo do pleonasma. O problema é que muitas práticas pedagógicas continuam as mesmas de anos atrás. Assim, oportunidades de repensarmos a literatura para os jovens são momentos ímpares para aperfeiçoamento,

¹ Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Professora da graduação em Direito na Faculdade de Direito Santo Agostinho. Professora de Literatura no Colégio São Mateus. noemiacoutinho@hotmail.com

² Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília-UnB; mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFG. Professora da graduação em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Estudos Literários e do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS da Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES. Membro do Grupo de Trabalho Vertentes do Insólito Ficcional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística - ANPOLL. Membro do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (FFLCH-USP/CNPq).



como também para se compartilhar ideias e olhares, afinal, acreditamos no poder transformador da educação e isso nos conforta muito. Como pontuou Bruno Carneiro Lira, em seus estudos sobre educação,

[f]az-se necessário, primeiramente, formar um professor com competências para os novos anseios da educação. Gerenciar a formação acadêmica e continuada dos profissionais do ensino é uma responsabilidade de grande desafio. Dentro da escola, o documento norteador é o Projeto Político Pedagógico (PPP), que consolida informações e procedimentos para os docentes de determinada instituição, juntamente com os conteúdos eleitos pela comunidade científica, como também as demandas contextuais das salas de aula. Esses três pilares devem constituir a formação básica do professor deste século (LIRA, 2016, p. 97).

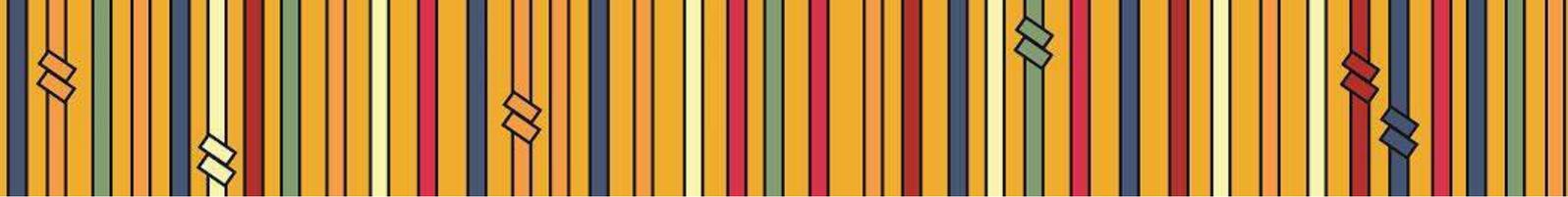
Apresentação feita, passemos ao trabalho.

Livros de outrora para público atual

Muitos leitores, principalmente os jovens, quando se deparam com livros escritos em outras épocas, como o objeto de estudo do presente trabalho – século XIX –, assustam-se com a distância espaço-temporal que os separa da narrativa. Entra em cena o trabalho de releituras, apresentando ao leitor do século XXI a trajetória de como chegamos até aqui, em propostas contextualizadas, porém sem perder a essência das reflexões presentes nas obras originais.

Nessa perspectiva, a presente reflexão debruça-se sobre as obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicado em 1899, e *Dona Casmurra e seu tigrão*, de Ivan Jaf, publicado em 2005, buscando identificar aspectos relativos ao cruzamento dessas histórias, de como se espelham e trazem reflexões e questionamentos quando aceitamos o convite de ler pelos olhos dos personagens ainda nos dias de hoje, quer seja pela temática, quer pela abordagem.

Dom Casmurro, grande obra do Realismo brasileiro, traz aos leitores o cotidiano de uma típica família burguesa, em que muitos talvez possam se reconhecer. Ingredientes como as descobertas do amor entre adolescentes, jogos de interesse de classes sociais diferentes e pitadas de ironias que se viralizam nos discursos de um narrador sagaz se nos oferecem como inesgotáveis desdobramentos de um tempo. *Dona*

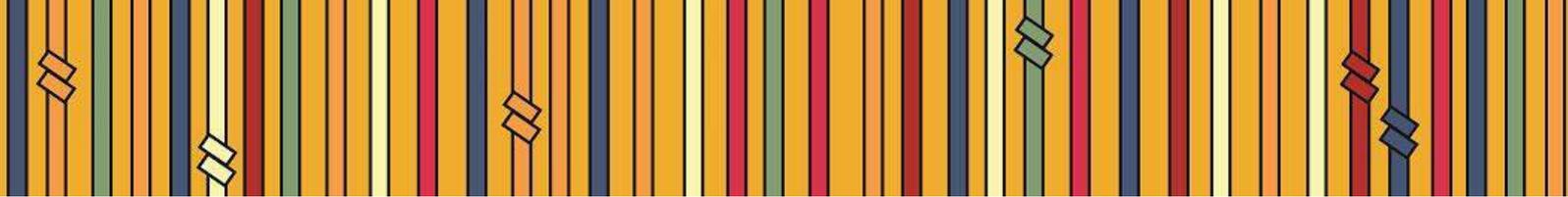


Casmurra e seu tigrão traz a público um conflito semelhante envolvendo os protagonistas das duas narrativas. Como são jovens e, quer no século XIX, quer agora, vivem os dilemas do amor, junto com suas inseguranças e descobertas, dentre outros conflitos.

Como metodologia de abordagem, propomos um recorte nas obras, analisando alguns da segunda narrativa em que aparecem excertos da primeira, como base para a elaboração textual da narrativa contemporânea de Jaf. Em *Dom Casmurro*, temos Capitu e Bentinho. Em *Dona Casmurra e seu tigrão*, Barrão e Lu. Os quatro personagens vivem conflitos relacionados ao amor, sendo Bentinho um apaixonado por Capitu, mas após uma suspeita de traição, envolvendo agora o melhor amigo dele, Escobar, passa a viver uma dúvida: afinal, de quem seria o filho de Capitu? Isso, se analisarmos nessa perspectiva; no entanto, não podemos nos esquecer de que, por se tratar de Machado de Assis, pensar a obra do ponto de vista de uma possível traição é mesmo apenas uma das infinitas possibilidades de leitura desse romance. Porém, como já mencionado, não é esse viés o objetivo de análise do presente trabalho.

Na outra ponta, encontra-se o personagem Barrão que, desconfiado de uma possível traição de sua namorada, Pâmela, dirige-se à biblioteca do colégio em busca de um computador para descobrir qual o significado da palavra Capitu ao ouvir amigos comparando-a à personagem machadiana. Lá ele encontra a bibliotecária Lu, que também está envolta em uma desconfiança sobre o namorado e, juntos, empreendem uma tarefa detetivesca para compreender o que se passa com seus parceiros, enquanto se aproximam na medida em que se percebem enfrentando situações semelhantes também à dos personagens criados por Machado de Assis.

Na obra de Ivan Jaf, percebemos uma aproximação dos enredos em forma de paráfrase. Segundo Affonso Romano de Sant'Anna, paráfrase “é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita” (SANT'ANNA, 2007, p. 17). No entanto, ressalta-se que em *Dona Casmurra e seu tigrão*, não é narrada a mesma história e, sim, uma mesma situação. O que é parafraseado no livro é a ideia da dúvida sobre a possível traição – aliás, motivo sobre o qual se estruturam tantas outras produções. Desde esse ponto, o que se percebe é que a narrativa parece estar tensionada entre paráfrase e estilização, uma vez que não há discordância de ideias, e sim uma fusão de vozes, ora trazendo o século XIX para a atualidade, ora voltando o olhar do



século XXI para situações de XIX. Exemplo dessa afirmação é constatada quando se nota que a sociedade que circunda os personagens em ambas as obras, num movimento atemporal, parece a mesma. Tal tipologia intertextual que agora propomos ainda é embrionária, uma vez que são muitas as variáveis por que passam os textos, bem como possibilidades de interpretação, ou como postula Tânia Franco Carvalhal,

[...] quando começamos a tomar contato com trabalhos classificados como “estudos literários comparados”, percebemos que essa dominação acaba por rotular investigações bem variadas, que adotam diferentes metodologias e que, pela diversificação dos objetos de análise, concedem à literatura comparada um vasto campo de atuação (CARVALHAL, 2006, p. 5).

Na sequência, é possível notar que a segunda história não se faz um texto isolado, apenas parafraseado e estilizado de outro. E é aí que se faz pertinente uma tensão quanto à classificação do texto de Ivan Jaf. Há, na construção da obra, excertos do texto machadiano, o que traz verossimilhança ao leitor que acompanha o desenrolar dos fatos com os personagens Barrão e Lu. O leitor se coloca no lugar do personagem, que, por sua vez, coloca-se no lugar de Bentinho quando faz a leitura da obra de Machado de Assis, e a compara com a própria vida, identificando as mesmas situações ocorridas com Bentinho.

Dessa forma, temos uma ficção dentro de outra ficção – ou narrativas encaixadas (*mise-en-abyme*). Observemos o momento em que:

[...] [a] lembrança do primeiro beijo em Pâmela levou Barrão a um estado de angústia tão profundo que ele achou que não ia aguentar. Cada detalhe da biblioteca se tornava estranho e insuportável. A cadeira, os livros nas estantes, o lápis amarrado por um barbante, os arquivos, tudo parecia prestes a atacá-lo, tudo gritava contra ele.

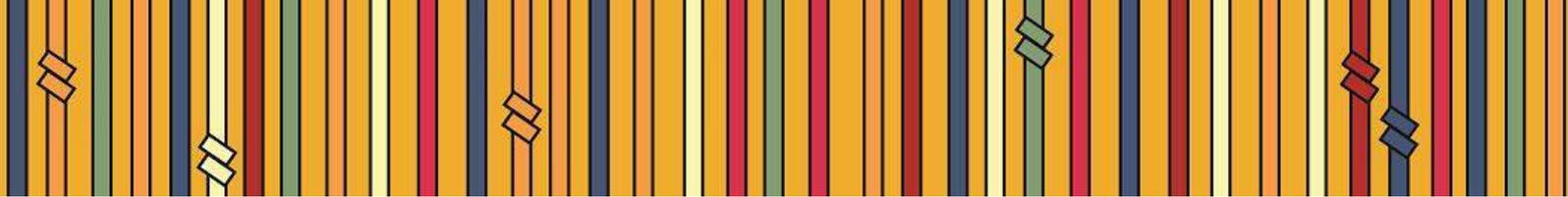
Obrigou-se a prestar atenção no livro, para escapar dos próprios pensamentos, mas Bentinho estava como ele, ansioso, desarvorado, aflito. Leu:

Ao cabo de cinco minutos, lembrou-me ir correndo à casa vizinha, agarrar Capitu, desfazer-lhe as tranças e refazê-las e concluí-las daquela maneira particular, boca sobre boca.

Bentinho não se decidia.

Ideia só! Ideia sem pernas! As outras pernas não queriam correr nem andar.

As de Barrão também não saíam do lugar. Não podia agir como estava acostumado. Não com Pâmela. Não podia puxá-la e beijá-la à força. Seus músculos não podiam fazer nada.



Leu:

Era ocasião de pegá-la, puxá-la e beijá-la... ideia só! Ideia sem braços! Os meus ficaram caídos e mortos!

Barrão, paralisado como Bentinho, só podia continuar lendo. Também não tinha mais braços nem pernas. Só ideias. Como chegar até Pâmela? Como apagar o passado?

Por que Pâmela não o perdoava? Já se abrira, já dissera que agredira o tio por ciúmes, já se desculpara.

Ela não o perdoava porque tinha outro. Isso. Era a melhor maneira de se livrar de Barrão. Ela estava mesmo esperando por isso, que ele pisasse na bola, para acabar o namoro e ficar com o outro.

Bentinho foi mais forte. As pernas o levaram de volta à casa de Capitu. Tinha só um pensamento. Repetir a cena do beijo. Beijá-la de novo.

Peguei-lhe levemente na mão direita, depois na esquerda, e fiquei assim pasmado e trêmulo. Era a ideia com mãos. Quis puxar as de Capitu, para obrigá-la a vir atrás delas, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido.

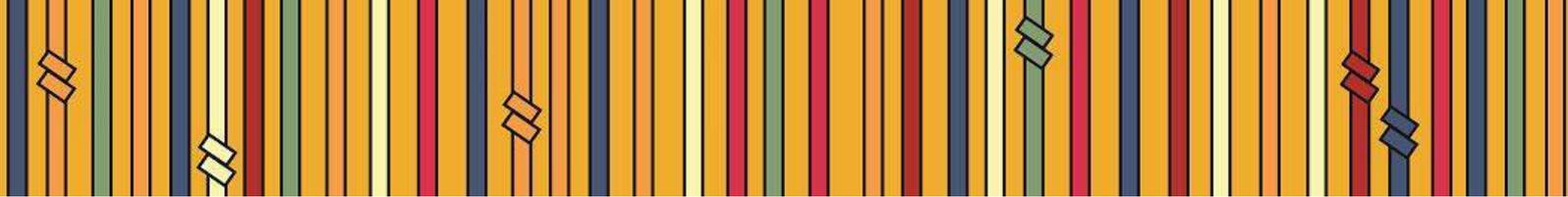
Barrão não. Sentia-se fraco e covarde. O jiu-jítsu não servia para nada. Mas dessa vez Capitu resistia. Não queria o beijo.

Barrão sentiu uma ponta de alegria. Bem-feito. Bentinho insistia. (JAF, 2005, p. 64-65)

Como observado no excerto acima, as narrativas se cruzam à medida que há identificação do personagem Barrão com o que é relatado sobre Bentinho, em *Dom Casmurro*. Na cena reproduzida aqui, temos Barrão lendo Machado de Assis, ao mesmo tempo em que nós, leitores, acompanhamos as histórias dos dois e ainda nos colocamos no lugar ora de um, ora do outro. Essa imbricação dos textos, numa dobra de intertextualidade, ratifica a declaração de Carvalhal:

A compreensão do texto literário nessa perspectiva conduz à análise dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles. Essa é uma atitude de crítica textual que passa a ser incorporada pelo comparativista, fazendo com que não estacione na simples identificação de relações, mas que as analise em profundidade, chegando às interpretações dos motivos que geram essas relações (CARVALHAL, 2006, p. 51).

Ainda como pontua Carvalhal, para uma análise sobre *Dona Casmurra e seu tigrão* como releitura de *Dom Casmurro* – a primeira, *a priori*, podendo ser percebida como paráfrase, estilização ou apropriação, conceitos esses desenvolvidos por Sant’Anna a partir da perspectiva apresentada por Bakhtin – exige pensar em que medida uma releitura pode ser considerada intertexto de outra obra e sobre qual viés. Se,



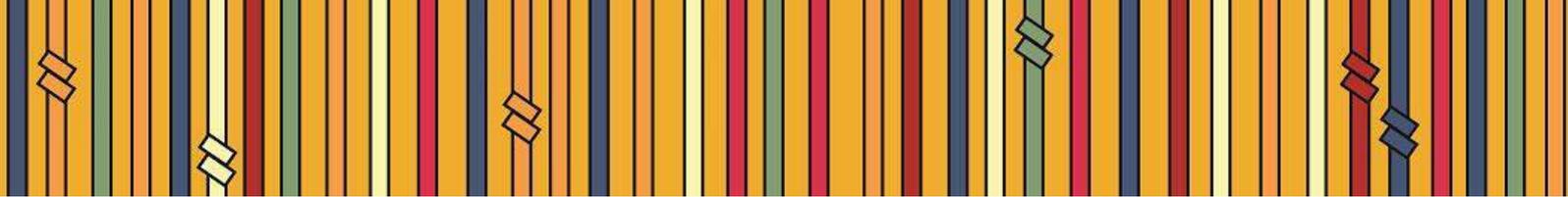
por um lado, temos paráfrase em uma situação que envolve os personagens, por outro, temos estilização, quando se observa outras vozes ecoando no texto. No entanto, ainda é possível tensionarmos um pouco mais essa dobra a partir do ponto em que fizemos outra leitura: agora, observando a construção de novas situações não apresentadas em *Dom Casmurro*, onde o conflito estava em um possível triângulo amoroso Bentinho, Capitu e Escobar. Já em *Dona Casmurra e seu tigrão*, além de Barrão, da namorada Pâmela e do amigo por quem Barrão nutre desconfiança (Paulão), entra em cena a figura de Lu. A garota, que vive uma desconfiança semelhante à experimentada pelo rapaz, encontra nas diferenças entre eles uma nova possibilidade de relacionamento, inexistente em *Dom Casmurro*. Assim, há duas histórias que se cruzam, uma terceira que o leitor de *Dona Casmurra e seu tigrão* acompanha e uma possível quarta história, quando ainda nos deleitando com a narrativa, também nos projetamos nos personagens, recordando dos tempos idos da descoberta do amor.

A propósito disso, Carvalhal menciona os estudos de T. S. Eliot nos quais ele problematiza que:

[...] nenhum poeta, nenhum artista de qualquer arte, tem valor isolado. Seu significado, sua apreciação é feita em relação a seus antecessores. Não é possível valorizá-lo sozinho, mas é preciso situá-lo, por contraste ou comparação entre os mortos (ELIOT *apud* CARVALHAL, 2006, p. 62).

Como pontua Sant'Anna, na obra anteriormente referida, “a paráfrase é o grau mínimo de alteração do texto, e a estilização, o desvio tolerável. Entre elas há um parentesco evidente no eixo das similaridades” (SANT'ANNA, 2007, p. 48). A ideia da dúvida das personagens sobre a possibilidade de terem sido traídos por suas namoradas é a similaridade; o fato de ter a narrativa de Ivan Jaf tomado como ponto de partida a obra machadiana e trazer alguns pontos para o leitor do século XXI, como se ocorressem agora, seria a estilização. No entanto, perguntamo-nos: e o fato de se acrescentar um novo personagem ao núcleo central, alterando significativamente o paralelismo entre as obras, não seria uma criação, trazendo agora um novo olhar para o objeto, cuja classificação não se encontraria presa a categorizações fechadas, deixando esse de ser percebido como paráfrase ou estilização simplesmente?

Para Carvalhal, as considerações de T. S. Eliot



[s]ão ainda mais importantes quando se refere ao surgimento de uma obra nova que rompe com o que a antecederá. Diz, então, que a nova obra modifica a ordem existente ao alterar a nossa compreensão; assim, o que acontece quando uma nova obra de arte é criada, ocorre simultaneamente com todos os trabalhos de arte que a precederam. Desse modo, o passado pode ser alterado pelo presente tanto quanto este é dirigido pelo passado (CARVALHAL, 2006, p. 62).

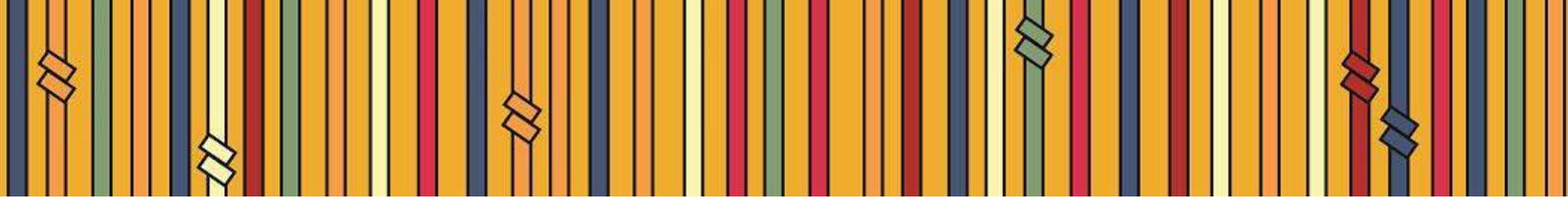
Pontua ainda Carvalhal que

[c]ada obra lê a tradição literária, prolonga-se ou rompe com ela de acordo com seu próprio alcance. A noção de originalidade, vista como sinônimo de “geração espontânea”, criação desligada de qualquer vínculo com obras anteriores, cai por terra. Na verdade, os conceitos de originalidade e individualidade estão intimamente vinculados à ideia de subversão da ordem anterior, pois o texto inovador é aquele que possibilita uma leitura diferente dos que o precederam e, desse modo, é capaz de revitalizar a tradição instaurada. Essa capacidade de inverter o estabelecido, de instigar uma releitura, se dá graças à interação dialética e permanente que o presente mantém com o passado, renovando-o (CARVALHAL, 2006, p. 63).

Uma obra, por mais que tenha origem em outra, seja de temática ou de composição sintática, por aproximação ou por diferença, há de trazer um novo olhar, nova possibilidade de compreensão, de ser percebida. Identificarmos essas dobras no universo dos intertextos é voltar nosso olhar para o questionamento, para ressignificações. A proposta convencional é pregar uma etiqueta valorativa no texto lido, julgando-o bom ou não, o que acaba por aprisionar o raciocínio e limitar o campo de visão de outros leitores que, baseando-se nas opiniões alheias, entende que não vale a pena fazer a leitura.

Assim, pensamos que essa “babel de teorias”, como nomeia Tânia Carvalhal, é apenas uma entre as múltiplas abordagens possíveis de leitura dessas produções. Se há visões diferentes do mesmo objeto, é sinal de que há novos pontos de vista que devem ser considerados.

Dona Casmurra e seu tigrão, a nosso ver, configura-se uma interessante obra para o leitor jovem do século XXI, que ora brotando da semente plantada por Machado de Assis (semente esta que certamente se originou de outra), ora vestida com roupas da moda, a “cor local”, versão moderna, extrapola conceitos de intertextualidade a partir do viés paráfrase ou estilização, conquistando sua originalidade a partir das similaridades e



afastamentos se analisada com base em *Dom Casmurro*. Uma recriação é sempre uma nova criação.

A discussão aqui iniciada pretende ir um pouco mais além, abordando as estratégias utilizadas pelo autor da obra contemporânea na construção de seu enredo e do acréscimo de novos e pertinentes exemplos.

Nesse sentido, faz-se importante mencionar que, em uma sociedade plural e por vezes alienada e egoísta como a nossa, apresentar aos jovens leitores obras como essa, em que excertos e situações do livro “precursor” são a base da narrativa contemporânea, pode ser um grande atrativo para que adolescentes percebam que leituras de outras épocas não precisam, necessariamente, ser anacrônicas, esquisitas, sem sentido. Se a educação precisa de bússolas e chaves para que as aulas de literatura não se tornem momentos cansativos ou apenas lúdicos, releituras como essa podem ser um início e certamente, além do deleite.

O professor de literatura, como também um importante agente de transformação social, deve ser um observador atento da realidade na qual está inserido. Esta, cada vez mais se apresenta formada por indivíduos imediatistas, analfabetos funcionais e alienados, aos quais faltam habilidades e percepções sobre o que um texto literário, em sua potencialidade artística, pode proporcionar aos leitores de ontem e de hoje.

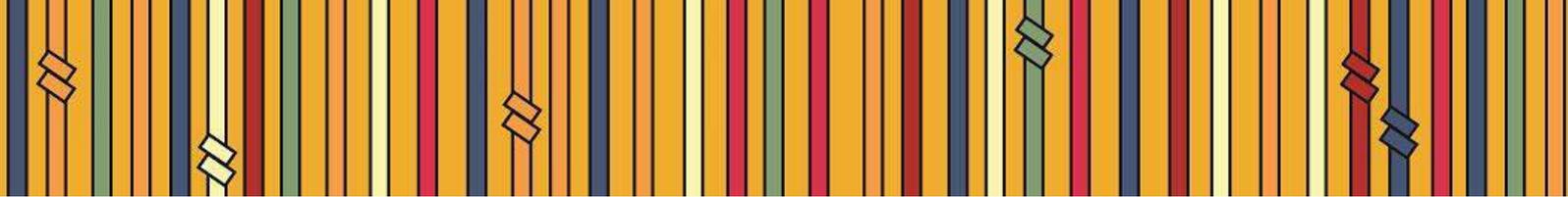
Nesse cenário atual, faz-se necessário que o professor de literatura repense novas abordagens para os livros indicados em sala de aula, buscando reaproximar esse jovem leitor de produções que considera antigas e ultrapassadas – os clássicos da literatura brasileira – os quais podem muito nos ensinar sobre a natureza do homem, em suas múltiplas subjetividades. E analisar uma obra voltando o olhar para além dos personagens, como aqui sugerimos, parece ser uma alternativa.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Saraiva, 2009.

IVAN, Jaf. *Dona Casmurra e seu Tigrão*. São Paulo: Ática, 2005.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.



LIRA, Bruno Carneiro. *Práticas pedagógicas para o século XXI: a sociointeração digital e o humanismo ético*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PINSKY, Mirna. *Os trilhos e o trem*. In: BRAIT, BETH. *Literatura e outras linguagens*. Org. São Paulo: Contexto, 2010.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.